

## CRISE



Apesar dos riscos que ainda existem, os mercados começam a dar cada vez mais sinais de normalização. Bolsas estão a registar fortes ganhos  
FOTO JUSTIN LANE/EPA

## Fim da recessão à vista

FMI prevê regresso do crescimento à zona euro no próximo ano. Portugal deverá avançar 0,4% em 2010

JOÃO SILVESTRE

A confirmarem-se as projeções avançadas quinta-feira pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), aquela que se anunciava como a pior recessão desde a Grande Depressão pode ser mais curta do que se esperava. O FMI reviu em alta as anteriores projeções e espera que o crescimento regresse à zona euro, Estados Unidos e Reino Unido já no próximo ano.

Recorde-se que, nas previsões de Primavera avançadas em Abril, a instituição previa que estas economias estivessem dois anos em recessão. Para 2009 há também boas notícias. Nos países da moeda única continua a esperar-se um tombo de 4,2% (idêntico ao de Abril), mas para várias outras economias (entre as quais a norte-americana) a contração esperada é inferior.

A onda de optimismo do FMI chega também a Portugal, com os técnicos da instituição a apontarem uma queda do produto interno bruto (PIB) de 3% este ano e um crescimento ligeiramente superior ao da zona euro em 2010 (0,4% versus 0,3%).

Em Abril, as estimativas traçavam um cenário de dois anos consecutivos de recessão, com recuos de, respectivamente, 4,2% e 0,5%.

Entre as economias da zona euro apenas quatro (Espanha, Grécia, Irlanda e Luxemburgo) continuarão a cair em 2010.

Para a economia mundial, os números são também mais animadores. O FMI continua a esperar uma contração este ano de 1,1% (duas décimas acima da anterior projeção), mas para 2010 aumentou substancialmente a anterior estimativa. Em Abril apontava para um crescimento de 1,9% e agora já espera 3,1%.

O optimismo do FMI é a consequência dos vários sinais positivos que têm surgido nos últimos tempos. Os indicadores de confiança dos consumidores e dos empresários estão a subir (em Portugal também), as bolsas registam ganhos nos últimos meses, os investidores estão mais calmos a julgar pelos *spreads* da dívida ou pelos índices de volatilidade, e os números do crescimento já disponíveis para as várias economias este ano mostram uma desaceleração da recessão.

### RISCO NA BANCA

Amostra de 15 grandes bancas internacionais



### PREVISÕES PARA PORTUGAL

Em percentagem

	2009	2010
PIB	-3,0	0,3
Inflação	-0,6	1,0
Desemprego	9,5	11,0

### MUNDO VOLTA A CRESCER

Crescimento do PIB em percentagem

	2009	2010
Mundo	-1,1	3,1
EUA	-2,7	2,5
Zona euro	-4,2	0,3
Japão	-5,4	1,7
Reino Unido	-4,4	0,9
Canadá	-2,5	2,1
China	8,5	9
Índia	5,4	6,4

FONTE: FMI EXPRESSO

### Perdas na banca serão inferiores

O relatório de estabilidade financeira do FMI (Global Financial Stability Report) divulgado quarta-feira revela que os bancos americanos já fizeram mais de metade do ciclo de perdas relacionadas com os activos tóxicos, mas, na Europa, o processo não está ainda tão avançado. O Fundo estima um volume de perdas no sector financeiro mundial com a crise inferior em 600 mil milhões de dólares (€413 mil milhões) face ao que era esperado há uns meses: 3,4 biliões de dólares (€2,3 biliões) contra 4 biliões de dólares (€2,8 biliões). Embora avise que há riscos, revela que o pior já passou e que a probabilidade de uma nova onda de incumprimentos tem vindo a diminuir (ver gráfico).

O FMI estima até um menor volume de perdas com os activos tóxicos na banca e sublinha uma tendência de redução do risco de incumprimento no sector financeiro (ver caixa). O que não quer dizer que os problemas estejam totalmente ultrapassados. Há melhorias face ao pânico que se viveu no final do ano passado, mas a situação está ainda longe de regressar aos níveis anteriores ao estouro do banco Lehman Brothers.

Tudo boas notícias, que não permitem, no entanto, esconder o facto de que o desemprego vai continuar a subir. O maior ritmo de crescimento agora previsto não impede que o FMI mantenha as taxas de desemprego que tinha estimado para Portugal: 9,5% este ano e 11% em 2010. Para a zona euro, os números são de 9,9% e 11,7%.

Os números agora avançados pela instituição de Bretton-Woods mostram uma luz ao fundo do túnel e traçam uma recessão com fim à vista. Mas o túnel pode ser penoso, principalmente para os milhares de pessoas que vão continuar a engrasar as filas de desempregados.

### FILME DA SEMANA

#### Bruxelas vigia défice

A Comissão Europeia abriu esta semana um procedimento por défice excessivo a Portugal por violar o limite de 3% imposto pelo Pacto de Estabilidade. O Governo prevê um valor de 5,9% e a Comissão Europeia estima mesmo que possa chegar a 6,5%. Juntamente com Portugal estão vários outros países. Em França, por exemplo, o Presidente Sarkozy apresentou uma previsão de 8,5% em 2010.

#### Preços caem na zona euro

A taxa de inflação homóloga na zona euro foi negativa pelo quarto mês consecutivo em Setembro, de acordo com o Eurostat. Os preços caíram 0,3% em relação ao mesmo mês de 2008.

#### PIB dos EUA recua menos

O Departamento do Comércio norte-americano reviu em alta as estimativas para o produto americano no segundo trimestre. Os novos dados apontam para uma contração de 0,7%, em termos anualizados. Uma queda menos pronunciada que o valor de 1% divulgado em Agosto.

#### Bill Gates é o mais rico

A lista dos mais ricos dos EUA da revista americana "Forbes" continuou a ser liderada por Bill Gates em 2008, um ano de crise em que o património das 400 pessoas mais ricas encolheu em 300 mil milhões de dólares (cerca de €206 mil milhões).

#### Juros limitados só em 2010

O decreto-lei que atribuiu poderes ao Banco de Portugal para impor limites máximos às taxas de juro cobradas pelos bancos entrou em vigor a 1 de Outubro mas só terá consequências a partir de Janeiro. Os primeiros limites a cobrar só serão publicados no final do ano.

#### Desemprego recua

A taxa de desemprego em Portugal recuou uma décima para 9,1% em Agosto, revelou o Eurostat. Na zona euro, a taxa subiu para 9,6%.



## Século da América está a terminar

Paul Starobin é o primeiro autor americano a dizer que a hegemonia dos Estados Unidos chegou ao fim. O seu livro, "After America", é um sapo difícil de engolir. Mas os factos — como o novo papel do G20 — parecem dar-lhe razão

"After America" é um título que fala por si. É o primeiro livro de autor americano, não pertencente às correntes radicais anti-imperialistas, que diz abertamente, para o (difícil) público do seu país, que a "civilização americana chegou a um fim depois da sua longa ascensão até à hegemonia" durante o século XX. Hoje a viver na região de Boston, com 52 anos, Paul Starobin tirou um mestrado na London School of Economics em Relações Internacionais, percorreu o mundo, o que lhe permitiu vários olhares, acabou por ser o chefe da delegação da revista americana "Business Week" em Moscovo e acabou

por se apaixonar em Tashkent, no distante Uzbequistão. Paul é um globalista e insiste que os americanos têm de entender que se entrou "num período de transição em que o famoso século americano findou". "Escrevi este livro sobretudo para o americano comum, que tem de se adaptar a este 'After America' em curso", diz-nos, reconhecendo que essa missão tem sido mais fácil do "que junto da classe política em Washington, que tem permanecido largamente num estado de negação sobre as novas tendências".

Simbolicamente, o autor encerra na entronização recente do G20 como cúpula mundial de decisões o sinal dessa alteração de fundo, ainda por cima em solo americano, na cidade de Pittsburgh. Surpreendentemente, a parceira dessa mudança histórica foi a grande crise financeira surgida nos últimos dois anos a partir da Wall Street. Mas o futuro está, ainda, em



aberto. "O mundo está grávido, não só com uma possibilidade do que virá a seguir, mas com múltiplas possibilidades. Estes embriões existem como que em paralelo", afirma Starobin, ainda que reconheça: "É claro que, a dado passo, um ganhador emergirá". Mas tranquiliza os mais assustados no Ocidente:

“

Com o fim da Guerra Fria, a Europa, simplesmente, deixou de pesar de mais nos cálculos americanos

Fiquei impressionado com o que os chineses estão a fazer no Chile neste ano, do ponto de vista de uma estratégia de envolvimento de longo prazo diplomático, económico e cultural

"Provavelmente estamos ainda longe desse ponto". Toda a gente fala que o candidato a hegemónico substituído é a China, um país que, no final dos anos 1970, surpreendeu tudo e todos ao enveredar por um caminho de afirmação de uma grande potência económica.

Mas Starobin, admitindo que a

China é, sem dúvida, hoje, o mais bem posicionado na corrida, recorda que a História dos ciclos das superpotências sempre foi marcada por dois padrões: a surpresa e a contingência criada pelos movimentos a partir de baixo, o que ele designa de "história orgânica". Os próprios Estados Unidos seriam um exemplo de "Império accidental", que emergiu inesperadamente, fruto das oportunidades das "guerras civis" europeias do século XX — as duas guerras mundiais — que enraçaram a potência dominante de então (a Inglaterra), e os outros candidatos directos a ocupar o seu lugar.

Depois, mais recentemente, a própria implosão da União Soviética surgiu de forma inesperada e permitiu um último fôlego ao hegemonismo norte-americano.

Por isso, Starobin, através das suas viagens pelo mundo, ficou, ele próprio, surpreendido. Confessa que torcia o nariz a um te-

ma exótico como o das "cidades-estado" e das "regiões-estado" (algo que em 1993 o estrategista japonês Kenichi Ohmae agitou, mas que com a emergência dos BRIC — Brasil, Rússia, Índia e China — ficou na penumbra). "Sinceramente, acho que essas regiões-estado têm mais futuro do que a própria formação do conceito de BRIC. Sempre encarei essa ideia (da Goldman Sachs) como algo artificial.

No começo do projecto deste livro não estava muito focalizado nessa possibilidade das cidades e regiões-estado, mas à medida que fui investigando fiquei impressionado com essa hipótese", sublinha-nos o autor, que avança com mais essa tendência: "É, na verdade, muito intrigante que possa surgir uma nova divisão do mundo, eventualmente multipolar, não baseada nas nações-estado, mas num agrupamento de mega-regiões urbanas".

JORGE NASCIMENTO RODRIGUES  
economia@expresso.imprensa.pt